

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
UNIDADE UBERLÂNDIA
CURSO DE TEOLOGIA

FIRMINO MENDES CAIXETA

TEOLOGIA E MISSÃO PASTORAL DA IGREJA:
um estudo sobre o Bom Pastor na perícopes Jo 10, 1-18

Uberlândia
2018

FIRMINO MENDES CAIXETA

TEOLOGIA E MISSÃO PASTORAL DA IGREJA:

um estudo sobre o Bom Pastor na perícopes Jo 10, 1-18

Trabalho de Monografia apresentado no Curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de teólogo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ir. Maria Maura de Moraes.

Uberlândia

2018

FIRMINO MENDES CAIXETA

TEOLOGIA E MISSÃO PASTORAL DA IGREJA:

um estudo sobre o Bom Pastor na perícopes Jo 10, 1-18

Trabalho de Monografia apresentado no Curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de teólogo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ir. Maria Maura de Moraes.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ir. Maria Maura de Moraes
Docente na PUC Minas – Uberlândia
Avaliadora 1

Prof. Me. Antonio Francisco Jacaúna Neto
Docente na PUC Minas – Uberlândia
Avaliador 2

Prof. Esp. Pe. Flávio Henrique Barbosa
Docente na PUC Minas – Uberlândia
Avaliador 3

UBERLÂNDIA
03 de Dezembro de 2018.

DEDICO

Este trabalho à minha família de modo especial, minha amável esposa Vera Lucia, meus queridos filhos Guilherme e Gustavo, bondosa nora Sheila, aos meus amados irmãos que tanto me incentivaram e apoiaram nos meus estudos. Aos meus professores e colegas de estudos dos quais me ensinaram a compreender os mistérios de Deus e seguir os caminhos de Jesus.

AGRADEÇO

Ao nosso DEUS por mais esta graça alcançada, de me tornar um Teólogo para ao serviço da evangelização, grande marco na minha vida.

À minha amada esposa, Vera Lúcia de Oliveira Caixeta.

Aos meus queridos filhos: Guilherme de Oliveira Caixeta e Gustavo Oliveira Caixeta.

Aos meus professores e amigos que me apoiaram durante todo tempo de vivência juntos no curso de teologia, na mesma caminhada com muito carinho amor e amizade.

A VOCAÇÃO ECLESIAL DO TEÓLOGO

Por sua natureza a fé se apela à inteligência, porque desvela ao homem a verdade sobre o seu destino e o caminho para alcançá-la. Mesmo sendo a verdade revelada superior a tudo o nosso falar, e sendo os nossos conceitos imperfeitos frente a sua grandeza, em última análise insondável (cf. Ef 3,19), ela convida, porém, a razão - dom de Deus feito para colher a verdade - a entrar na sua luz, tornando-se assim capaz de compreender, em certa medida, aquilo em que crê. A ciência, que respondendo ao convite da verdade, busca a inteligência da fé, auxilia o povo de Deus, de acordo com o mandamento do apóstolo (cf. 1Pd 3,15), a dar razão da própria esperança, aqueles que a pedem.

O trabalho do teólogo responde assim ao dinamismo interno da própria fé: por sua natureza a verdade quer comunicar-se, já que o homem foi criado para perceber a verdade, e deseja no mais profundo de si mesmo conhecê-la para nela se encontrar e para ali encontrar a sua salvação (1Tm 2,4). Por isto o Senhor enviou aos apóstolos que fizessem “discípulos” todas as nações e as ensinassem (cf. Mt 28,19s.). A teologia, que busca a “razão da fé” e que àqueles que procuram oferece esta razão como uma resposta, constitui parte integrante da obediência a este mandamento, porque os homens não podem tornar-se discípulos se a verdade contida na palavra da fé e não lhes é apresentada (cf. Rm 10,14s).

A teologia oferece, portanto a sua contribuição para que a fé se torne comunicável, e a inteligência daqueles que não conhecem ainda o Cristo possa procurá-la e encontrá-la. A teologia, que obedece ao impulso da verdade que tende a comunicar-se, nasce também do amor e do seu dinamismo: no ato de fé, o homem conhece a bondade de Deus e começa a amá-lo, mas o amor deseja conhecer sempre melhor aquele a quem ama. Desta dúplici origem da teologia, inscrita na vida interior do povo de Deus e na sua vocação missionária, deriva o modo pelo qual ela deve ser elaborada para atender as exigências de sua natureza.

Visto que o objeto da teologia é a verdade, o Deus vivo, e o seu desígnio de salvação revelado em Jesus Cristo, o teólogo é chamado a intensificar a sua vida de fé e a unir a pesquisa científica com a oração. Será assim mais aberto ao “senso natural da fé” do qual depende e que se lhe apresentará como uma segura norma para guiar a sua reflexão e verificar a exatidão de suas conclusões.

JOSEPH Card. RATZINGER (1990), nº 6; 7; 8.

RESUMO

O tema principal deste trabalho de conclusão de curso é teologia e missão pastoral. A escolha desta temática se deve à necessidade que a Igreja tem de desenvolver a sua missão pastoral de forma mais eficiente nos dias de hoje. Percebemos uma urgência de todos nós cristãos para construirmos a nossa identidade, semelhante à identidade de Jesus, ou seja, buscarmos o seguimento e a cristificação. O objeto deste estudo teológico é a verdade sobre o Deus vivo e o desígnio de salvação revelado em Jesus Cristo. Conhecer a bondade de Deus, a pessoa, a vida e as atitudes de Jesus, o bom pastor, impele o homem a amá-lo e a realizar a missão de anunciá-lo como caminho, verdade e vida, em abundância para todos os homens, até os confins do mundo. Nesta monografia, o objetivo é aprofundar o conhecimento teológico da missão de Jesus, o bom pastor, e da missão pastoral da Igreja no mundo. Nos aspectos metodológicos, este estudo é bibliográfico, qualitativo, exploratório. A pesquisa inicia-se com o levantamento bibliográfico, seguido da seleção de documentos pontifícios, de conferências episcopais e de autores que tratam sobre a teologia da missão, Jesus o bom pastor e missão pastoral da Igreja. Num segundo momento são coletados os dados para a monografia. Por fim, são analisados os dados e a escrita de uma síntese para ser apresentada à banca examinadora. Um dos resultados desta pesquisa é que Jesus é o missionário do Pai, seu grupo de discípulos segue os seus passos, e a Igreja continua a missão de Jesus. Ela anuncia a boa nova do evangelho e se dedica à ação pastoral em favor da humanidade. Neste sentido, a Igreja motiva os seus membros a buscarem um maior conhecimento da vida e missão de Jesus, tornarem-se membros da Igreja “em saída”, indo a todas as ovelhas, principalmente, às mais necessitadas de salvação. O papel da Igreja é orientar os cristãos para crescerem na intimidade com Deus, desenvolverem em si as habilidades do bom pastor, seguir Jesus Cristo, viver em permanente comunhão com Deus e com o próximo.

Palavras-chave: Teologia. Jesus Cristo. Missão pastoral. Igreja. Concílio Vaticano II.

ABSTRACT

The main theme of this course is theology and pastoral mission. The choice of this theme is due to the need for the Church to develop her pastoral mission more efficiently today. We perceive an urgency for all of us Christians to build our identity, similar to the identity of Jesus, that is, to seek follow-up and christification. The object of this theological study is the truth about the living God and the plan of salvation revealed in Jesus Christ. Knowing the goodness of God, the person, the life and the attitudes of Jesus, the good shepherd, impels man to love him and carry out the mission of announcing him as the way, the truth and the life, in abundance for all men, to the ends of the earth. In this monograph the objective is to deepen the theological knowledge of the mission of Jesus, the good shepherd, and of the pastoral mission of the Church in the world. In the methodological aspects, this study is bibliographic, qualitative, exploratory. The research begins with the bibliographical survey, followed by the selection of papal documents, episcopal conferences and authors dealing with the theology of the mission, Jesus the good shepherd and the pastoral mission of the Church. In a second moment the data for the monograph are collected. Finally, the data and the writing are analyzed, a synthesis to be presented to the examining bank. One of the results of this research is that Jesus is the missionary of the Father, his group of disciples follows in his footsteps, and the Church continues the mission of Jesus. It announces the good news of the gospel and dedicates itself to pastoral action for humanity. In this sense, the Church encourages its members to seek a greater knowledge of the life and mission of Jesus, to become members of the Church "out of the way," going to all the sheep, especially those most in need of salvation. The role of the Church is to guide Christians to grow in intimacy with God, to develop in themselves the skills of the good shepherd, to follow Jesus Christ, to live in permanent communion with God and with others.

Keywords: Theology. Jesus Christ. Pastoral mission. Church. Second Vatican Council.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CIC	Catecismo da Igreja Católica
1Cor	Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
DocAp	Documento de Aparecida
Ez	Livro do profeta Ezequiel
Gn	Livro do Gênese
1Jo	1ª Carta de São João
NMI	Novo Millenio Ineunte
SD	Documento de Santo Domingo
1Pd	1ª Carta de Pedro
Sl	Livro dos Salmos
Tg	Tiago
Vat. II	Concílio Ecumênico Vaticano II

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CAPÍTULO I	
	TEOLOGIA E MISSÃO PASTORAL	12
2.1	Conceito de Teologia	12
2.2	Significado do termo Pastoral	13
2.3	O que se entende por Missão cristã	17
3	CAPÍTULO II	
	A MISSÃO DO BOM PASTOR	20
3.1	O Bom Pastor é Jesus	20
3.1.1	A pessoa e a missão de Jesus	21
3.1.2	Reflexão sobre a parábola do Bom Pastor	26
3.2	A proposta de vida em abundância para todos	27
4	CAPÍTULO III	
	A MISSÃO DA IGREJA NO MUNDO	29
4.1	A Igreja continuadora da obra de Jesus Cristo	29
4.1.1	A ação pastoral da Igreja na perspectiva do Concílio Vaticano II	31
4.1.2	A pastoral da Igreja nas orientações do Papa João Paulo II	33
4.2	Perspectivas da ação pastoral nos dias de hoje	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de Monografia, cujo tema é a Teologia da missão pastoral em Jo 10,10b: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”.

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso consistiu em fazer um estudo teológico e eclesiológico sobre o Bom Pastor em Jo 10, 1-18.

Os objetivos específicos consistiram em: a) fazer uma reflexão sobre a parábola do Bom Pastor no evangelho segundo João. O amor de Jesus para o plano de salvação da humanidade. Deus enviou seu próprio Filho; o Filho deu sua própria vida para dar vida eterna a todos que Nele crer; b) caracterizar os sinais praticados por ele, seus ensinamentos da boa nova; c) compreender a bondade do Bom Pastor e sua misericórdia; d) justificar a bondade do Bom Pastor no plano de salvação. O Pastor chama as ovelhas pelo nome; elas ouvem sua voz porque conhecem a voz do pastor. A dimensão do trabalho é fundamentar a bondade de Jesus; e) Apontar a bondade e amor de Jesus, o cuidado com as ovelhas. No evangelho de João, Jesus salvador tem a preocupação de zelar pela vida. Para guiar seus filhos, Deus entregou sua própria vida para resgatar a vida de muitos dos que crêem no seu ensinamento. Jesus disse: “eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10, 10b).

Como questão da pesquisa buscou-se compreender a parábola de Jesus sobre o Bom Pastor, narrada no Evangelho de João. A figura do pastor está presente em várias passagens das Escrituras Sagradas. Tal função era praticada por parte dos homens, como um trabalho que oferecia certo perigo. A função do pastor era guardar e pastorear o rebanho, protegendo-o de todos os perigos.

Considerou-se a hipótese que a bondade do Bom Pastor faz parte do seu plano de salvação. O Pastor chama as ovelhas pelo nome; elas ouvem sua voz porque conhecem a voz do pastor. É concreto e real o cuidado e o amor de Jesus para a salvação da humanidade.

A missão da Igreja é continuar o trabalho salvífico de Jesus no mundo até que a humanidade inteira seja salva por Deus. A ação pastoral da Igreja é tarefa de todos os cristãos. Neste sentido, cabe à Igreja oferecer formação teológica aos cristãos para uma eficiente atuação no campo pastoral eclesial. Essa realidade serviu como justificativa e motivação para a presente pesquisa.

O estudo se fundamentou no evangelho de João; no Catecismo da Igreja Católica (1998); Carson (2007); Compêndio Vaticano II (1965); Marguerat (2015); Szentmártoni (2014).

Em vista de atender aos objetivos, adotou-se como metodologia a realização de um estudo qualitativo, exploratório através da pesquisa bibliográfica. O trabalho de conclusão de curso foi feito em três etapas. Na primeira, realizou-se um levantamento bibliográfico de Conferências Episcopais da Igreja e de autores que escreveram sobre a temática. Na segunda etapa, buscou-se o fundamento teórico para a monografia; foram selecionados e lidos textos relevantes relacionados ao estudo. Na terceira etapa foi feita a análise dos dados e escrita a síntese para ser apresentada à banca examinadora.

A estrutura da monografia com os resultados da pesquisa compreende uma introdução, três capítulos, as considerações finais e as referências bibliográficas.

O primeiro capítulo, sobre Teologia e Missão pastoral, foi dividido em três itens: conceito de teologia; significado do termo pastoral; o que se entende por missão cristã.

O segundo capítulo, sobre a missão do Bom Pastor, foi dividido em dois itens: o Bom Pastor é Jesus; a proposta de vida em abundância para todos. O primeiro item também foi dividido em dois subitens: a pessoa e a missão de Jesus; reflexão sobre a parábola do Bom Pastor.

O terceiro capítulo, sobre a missão da Igreja no mundo, foi dividido em dois itens: a Igreja continuadora da obra de Jesus Cristo; perspectivas da ação pastoral nos dias de hoje. Sendo que o primeiro item foi subdividido também em dois subitens: a ação pastoral da Igreja na perspectiva do Concílio Vaticano II; a pastoral da Igreja nas orientações do Papa João Paulo II.

CAPÍTULO I

TEOLOGIA E MISSÃO PASTORAL

O estudo da teologia nesta primeira parte da monografia tem por fim fundamentar a ação pastoral missionária da Igreja. Os fundamentos bíblicos da missão cristã nasceram do mandato missionário de Jesus aos seus discípulos e à Igreja. Os cristãos são chamados a serem pastores como o Bom Pastor que deu a própria vida para que suas ovelhas pudessem ter vida em abundância.

Neste primeiro capítulo, o objetivo é definir os termos: teologia, pastoral e missão cristã.

2.1 Conceito de teologia

O vocábulo teologia vem do grego *theologia* (θεολογία). A teologia foi definida, por Platão como discurso sobre Deus no quarto século aC. A palavra teologia vem de dois vocábulos da língua grega: *theós* (cf. RUSCONI, 2015, p. 225) que significa Deus e *logia* que significa estudo. O objeto principal da Teologia é Deus. Teologia tem a ver com palavra, saber, ciência. A Teologia coloca Deus no discurso humano. (cf. LIBÂNIO; MURAD, 2003, p. 62-63; cf. PLATÃO, Livro II, cap. 18, n. 379-a, 1949, p. 91).

Deus é mistério, é uno e trino. Deus é o Criador de tudo que existe. Enquanto que o ser humano é criatura e não tem, por si só, condições de compreender e conhecer totalmente Deus. A inteligência de Deus é infinita, divina. O ser humano é racional e inteligente porque foi criado à imagem e semelhança do Criador. Mas, é simples criatura, e por isso, a inteligência humana é limitada.

O conhecimento humano sobre Deus será sempre pela revelação do Criador. Deus enviou ao mundo o seu Filho Primogênito para revelar quem é o Pai, qual é a vontade do Pai e salvar todo o gênero humano. É somente pela graça divina, pela mediação do Sumo Sacerdote Jesus Cristo que o homem pode ter acesso ao seu Criador (cf. Hb 4, 14-16). Jesus é o caminho para o homem chegar ao Pai.

Sendo assim, o estudo teológico parte da revelação de Deus; portanto, o objeto da teologia é o estudo sobre Deus. Deus se revela na Sagrada Escritura, na

criação, nos acontecimentos, na comunidade eclesial, no magistério e nas orientações da Igreja.

A teologia abrange alguns campos de estudo, como: Linguística e Hermenêutica Bíblica; História do Cristianismo; Sistemática; Moral e Ética; e Pastoral. Estas áreas contemplam pelo menos quatro grandes eixos temáticos de formação acadêmica: formação fundamental; formação Interdisciplinar; formação teórico-prática, e formação complementar.

De modo que a teologia prática estuda a doutrina na vida diária, a partir da prática da palavra de Deus (cf. Tg 1,19-27) numa comunidade eclesial. A teologia bíblica estuda conteúdos bíblicos embasados nas orientações da Santa Sé. A teologia exegética procura descobrir o verdadeiro sentido das Escrituras. A teologia sistemática trata do estudo da fé cristã de forma lógica. A teologia histórica estuda a historicidade da doutrina cristã. A teologia da fé cristã estuda o evangelho de Cristo, confiado aos discípulos para a salvação e a glória de Deus. A teologia do conhecimento estuda a humanidade que experimenta a esperança fundamentada na ressurreição de Cristo (cf. 1Cor 15,20-28; 1Ts 4,13-17).

A teologia ajuda a organizar e utilizar a mente, de modo ordenado, para compreender o nosso Deus, na medida em que a capacidade humana é capaz.

Nesta monografia optou-se por pesquisar a teologia pastoral fundamentada no evangelho de João 10,1-18.

2.2 Significado do termo pastoral

A revelação do reino de Deus, desde o Antigo Testamento e no tempo de Jesus anunciando o Reino, é apresentada na forma de figura ou de comparações. Isso porque o reino de Deus é misterioso. Também a Igreja apresenta a sua própria natureza de mistério através de comparações ou imagens. Dentre outras, algumas imagens são tiradas do pastoreio, da produção agrícola, da construção.

Era um costume antigo cuidar do rebanho. Os pastores realizavam um trabalho pastoral cuidando dos rebanhos em Israel. Havia diversas imagens de pastor no Povo de Israel. Muitas imagens de pastor estão registradas nos livros do Antigo e do Novo Testamento.

A Escritura Sagrada, desde o livro do Gênesis até o Apocalipse, descreve e faz referências em dezenas de afirmações da figura do pastor. A figura do pastor aparece na pessoa de Abel, o segundo filho de Adão e Eva. Caim, filho primogênito de Adão, era agricultor e Abel era pastor de ovelhas. Abel ofereceu as primícias e a gordura do próprio rebanho a Deus (cf. Gn 4,2). Abraão era proprietário de grande riqueza; era possuidor de um grande rebanho de bois e ovelhas (cf. Gn 13,2). Portanto, a figura do pastor está presente em várias passagens bíblicas.

No Antigo Testamento, o termo pastor é utilizado para referir-se a Deus e rebanho refere-se ao povo. “[...] é ele o nosso Deus e nós o povo do seu pastor, o rebanho de sua mão [...]” (Sl 95,7). Estes termos são também utilizados no Novo Testamento, onde os líderes da Igreja são os pastores e o povo é o rebanho. “O Senhor é meu pastor; nada me faltará” (Sl 23,1).

A missão do Pastor, no século I dC, conforme consta na Sagrada Escritura, era uma atividade agrária. A atividade agrária predominava na bacia mediterrânea. Por estar situada numa região montanhosa, rochosa e muito acidentada, a agricultura era bastante dificultado na Palestina, o que fazia com que sua principal atividade econômica fosse à criação de ovelhas. A imagem mais presente no cotidiano de toda a região era a do pastor guiando suas ovelhas para as pastagens. Na região havia pouca pastagem, fazendo com que as ovelhas precisassem se deslocar por longas distâncias em busca de boas pastagens, tornando muito dura a rotina diária dos pastores. O trabalho deles era constante e perigoso, pois, além de proteger os rebanhos dos animais selvagens, precisavam ter atenção redobrada por conta de ladrões dispostos a roubar as ovelhas. Os pastores cuidavam do rebanho durante o dia e quando a noite chegava, levavam suas ovelhas para um redil comunitário a fim de protegê-las contra os ladrões e os lobos. Um porteiro ou sentinela subpastor contratado, ficava durante toda a noite tomando conta das ovelhas e zelando por sua segurança. Na manhã seguinte, os pastores entravam no redil e chamavam suas ovelhas pelo nome e elas reconheciam sua voz e o seguiam até os pastos. Algumas vezes, ladrões derrubavam a cerca do redil para roubar as ovelhas. Eles não podiam entrar pela porteira, pois lá havia um porteiro que não saía do seu posto durante toda a noite. Em muitos países as ovelhas eram criadas para serem sacrificadas, para utilização da carne e da lã; mas, na Palestina elas permaneciam durante muitos anos com seu pastor, pois estes as criavam principalmente para obter lã. Por conta dessa relação peculiar, os pastores davam

nomes para suas ovelhas e elas eram capazes de reconhecer a voz do seu pastor. Ao conduzir suas ovelhas, os pastores caminhavam na frente a fim de levá-las para o melhor pasto e assegurar-se de que o caminho era seguro. (Cf. Bíblia da TEB, Introdução, 1994, p. 2043-2045).

Em razão dos cuidados pastorais aos rebanhos em Israel, a Igreja é representada também na figura de um redil; nela se encontra uma única porta, que é Cristo (cf. Jo 10,1-10). Deus anunciou ser o próprio Pastor de todo rebanho (cf. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, LG, nº 6; Is 40,11s; Ez 34,11ss). As mesmas ovelhas de todo rebanho são governadas por pastores humanos. Sendo assim as ovelhas são orientadas alimentadas por meio de Cristo, e ao mesmo tempo Pastor e Príncipe dos Pastores (cf. Jo 10,11; 1Pd 5,4), o Bom Pastor deu sua própria vida por suas ovelhas (Jo 10,11-15).

A Igreja é a lavoura ou o campo de Deus [...]. Neste campo cresce a oliveira antiga, cuja raiz santa foi os Patriarcas e na qual se obteve e completará a reconciliação dos judeus e dos gentios [...]. Ela foi plantada pelo Agricultor celeste como vinha eleita [...]. Cristo é a vide verdadeira que comunica a vida e a fecundidade aos sarmentos, isto é, a nós que pela Igreja permanecemos nele e sem o qual nada podemos fazer [...]. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, LG, nº 6.

A Igreja é também comparada a uma construção, cuja pedra principal é Jesus Cristo. Os pedreiros, aqueles que não aderiram a Cristo, rejeitaram a pedra principal da Igreja; mas, ela se tornou a pedra angular (cf. Mt 21,42). Os apóstolos foram alicerce e estabilização da Igreja. Esta construção é também chamada por: casa de Deus, morada de Deus, tenda de Deus, em especial, Templo Santo. Os primeiros cristãos, os padres antigos e todos nós glorificamos a Deus neste santuário misterioso que não é feito de pedras materiais; mas de pedras vivas que são os seguidores de Jesus Cristo (cf. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, LG, nº 6).

Na liturgia, a Igreja é comparada à Cidade Santa, a nova Jerusalém. Nela todos são chamados de pedras vivas, induzidos à virtude de ser na terra, Templo do Espírito. (cf. 1Pd 2,5; CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, LG, nº 6).

Jesus depois de orar ao Pai instituiu o grupo dos seus seguidores. Jesus escolheu, ele mesmo, os seus discípulos. Dentre os discípulos, Jesus escolheu um

grupo de doze e os chamou de apóstolos. A estes, Jesus os chamou para estarem com Ele e depois os enviou a anunciar o evangelho. Deu a eles uma missão e os enviou com o objetivo de anunciar o Reino de Deus a toda criatura (cf. Mc 3,13-19).

Este grupo de apóstolos foi instituído na forma de grupo estável, de Colégio Apostólico, tendo como cabeça do grupo o Apóstolo Pedro (cf. Jo. 21,15-17).

Jesus enviou seus discípulos em missão primeiro aos filhos de Israel e depois a todas as nações da terra, a começar por Jerusalém, até os confins do mundo (cf. Rm 1,16). Jesus incumbiu os apóstolos de fazerem que todos àqueles que ouvissem a Palavra de Deus se tornassem seus discípulos reunidos num só povo para a santificação de todos os que acolhessem a sua palavra (cf. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, LG, nº 19).

Em continuidade à missão dos pastores na Sagrada Escritura, à missão de Jesus Cristo e da Igreja segue uma reflexão sobre a missão dos cristãos no mundo.

Por teologia pastoral se entende o pensar sobre a fé, de modo elaborado, orgânico, organizado, em perspectiva teológica, e em relação com as perguntas suscitadas na prática pastoral. As práticas pastorais se relacionam com o compromisso missionário da Igreja; uma ação que envolve todos os cristãos. Tanto a evangelização como a nova evangelização se realizam por meio da prática pastoral – missão de todos os que se decidem viver num caminho de seguimento do Cristo bom pastor. A mesma missão de Cristo é a missão dos cristãos. (cf. LIBÂNIO; MURAD, 2003, p. 202-203). Assim, as ações pastorais podem ser realizadas, de forma setorizada, na Igreja católica: pastoral carcerária, familiar, da criança, dos portadores do vírus HIV, da causa operária, pastoral catequética, e outras.

O exemplo de Jesus é de um bom pastor atento às necessidades das ovelhas e do rebanho. Jesus é o referencial para a ação da Igreja. Portanto, a pastoral implica no exercício de uma consciência missionária que conhece os problemas apresentados pelo rebanho e pelas ovelhas. Os problemas podem ser diferentes de acordo com as épocas, os lugares, as culturas. Porém, são sempre problemas e devem ser considerados pelos pastores. A antiga Ação Católica apresentou os passos metodológicos da ação pastoral: ver a realidade; julgar a realidade à luz da palavra de Deus interpretada na Tradição viva; e agir. Mais tarde, a Igreja acrescentou novos passos: celebrar e avaliar. (cf. LIBÂNIO; MURAD, 2003, p. 202).

É necessário compreender, em perspectiva cristológica, o que é e como se faz pastoral para cumprir o compromisso assumido no batismo. Ser batizado é se

tornar cristão missionário, membro do corpo místico de Cristo. Disso decorre também a necessidade do cristão se esclarecer sobre a missão cristã que decorre do sacramento do batismo.

2.3 O que se entende por missão cristã

A missão cristã é a continuidade da missão de Jesus e da sua Igreja. Cada pessoa assume o compromisso missionário com Deus no momento em que é batizado. Daí que ao ser batizada, a pessoa precisa estar consciente do que significa ser membro do corpo místico de Cristo, a Igreja.

A missão consiste em anunciar o evangelho a todos os povos até os confins do mundo; despertar e educar a fé em Deus, batizando em nome do mesmo Deus.

[...] ide por todo o mundo, proclamai o evangelho a toda a criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado. (Mc 16, 15-16. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E ensinando-as a observar tudo o quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. (Mt 28, 19-20).

O evangelho já foi anunciado em muitas nações do mundo. Jesus Cristo já foi anunciado nos cinco continentes. Mas, também é verdade que em muitas partes do mundo o evangelho ainda não foi proclamado e Jesus Cristo ainda não é conhecido. Além disso, é sabido que entre os batizados que receberam o conhecimento de Jesus, nem todos demonstram estar comprometidos verdadeiramente com os ensinamentos do Filho de Deus.

Quando o então Papa Bento XVI veio pela primeira vez à América Latina, visitou o Brasil, em 2007, dirigiu sua palavra aos Bispos na Catedral da Sé, em São Paulo. O Papa demonstrou preocupação com alguns problemas em nosso país, assim como em muitas outras regiões do mundo.

Uma das preocupações é a questão dos católicos que abandonam a vida eclesial. Para transformar essa realidade o Pontífice propõe:

[...] não poupar esforços na busca dos católicos afastados e daqueles que pouco ou nada conhecem sobre Jesus Cristo, através de uma pastoral da acolhida que os ajude a sentir a Igreja como lugar privilegiado do encontro com Deus e mediante um itinerário catequético permanente. Uma missão evangelizadora que coloque todas as forças vivas deste imenso rebanho. Meu pensamento dirige-se, portanto, aos sacerdotes, religiosos, religiosos e leigos que se prodigalizam, muitas vezes, como imensa dificuldade, para a difusão da verdade evangélica (BENTO XVI, 2007, p. 49).

Diante das preocupações do Papa, pode ser observada a necessidade de uma nova evangelização dos que já foram batizados. A responsabilidade de evangelizar é todos os cristãos: clero, laicato e a vida consagrada. A força viva da ação pastoral da Igreja é constituída por todos os cristãos.

Ao desenvolver uma nova evangelização é preciso também educar a fé através de uma catequese renovada. A missão cristã apresenta muitas exigências. Uma primeira exigência é a formação teológica e bíblica dos missionários; uma segunda exigência é o testemunho cristão dos que anunciam o evangelho; é muito importante a intimidade com Deus. As duas exigências são igualmente indispensáveis; a primeira exigência é tão importante quanto a segunda. É necessário ir ao encontro dos que se afastaram da Igreja, oferecer-lhes acolhimento e novas oportunidades para voltar para a comunidade eclesial.

Na perspectiva da missão, é imprescindível que os cristãos missionários e também aqueles que recebem a nova evangelização se coloquem todos no 'seguimento ou cristificação'. O cristão, na vida cotidiana, procura crescer em sua cristificação, procura assimilar a vida de Jesus Cristo, coloca-se no seguimento de Jesus. No exercício missionário, o cristão conforma a própria vida ao estio de vida de Jesus: sua pessoa, suas atitudes, sua palavra. Ao assumir a missão, o cristão se dedica a penetrar na identidade mais radical de Jesus, o Cristo. Há três aspectos inseparáveis que definem a experiência única de Jesus: intimidade com Deus, dedicação à chegada do Reino e opção pelos pobres. (cf. CALLEJA, 2006, p. 36). O exemplo de Jesus é um projeto de vida para ser colocado em prática pelos cristãos.

A missão cristã se fundamenta no envio que Jesus fez aos seus discípulos: "ide pelo mundo inteiro, proclamai o evangelho a todas as criaturas. Quem crer e for batizado será salvo, quem não crer será condenado" (Mc 16,15-16). A Igreja estimula os cristãos a evangelizar com um novo ardor missionário, em continuidade à missão de Jesus, o Bom Pastor.

Os evangelhos demonstram claramente que a missão cristã consiste em empreender a evangelização aos mais necessitados, sem, contudo, atrelar esse compromisso com interesses meramente políticos (Mt 4,8; Lc 4,5; Mt 22,21; Mc 12,17; Jo 18,3). A missão é organizada a partir da fé em Cristo, no seio da Igreja, e essa fé capacita os missionários a servir os povos, a penetrar com o evangelho em suas vidas, transformando corações e humanizando sistemas e estruturas (cf. DOCUMENTO DE PUEBLA, 1979, nº 1; nº 1157, p. 164; 311).

É importante frisar que o termo pobre em sentido bíblico, designa o escravo, o estrangeiro, o camponês sem terra, e, além disso, o documento faz referência aos outros segmentos oprimidos socialmente: crianças em situação de pobreza, indígenas, negros que sofrem discriminação racial, os jovens frustrados, as prostitutas, os desempregados e as mulheres.

Não existe a garantia de uma missão evangelizadora séria e vigorosa, sem a presença de uma eclesiologia bem cimentada. Evangelizar é a missão essencial, a vocação própria, a identidade mais profunda da Igreja (cf. DOCUMENTO DE PUEBLA, 1979, nº 75, p. 106; nº 85, p. 108). Assim, evangelizar não é um ato individual, mas coletivo e eclesial, ou seja, representa um ato da Igreja. Para uma justa visão da evangelização é imprescindível ter uma visão concreta da Igreja (cf. DOCUMENTO DE PUEBLA, 1979, nº 1133, p. 305).

A missão pastoral parte de práticas concretas e da reflexão teológica. Jesus agia com práticas concretas prestando atenção na realidade das ovelhas e no projeto missionário de Deus. O missionário, o pastor necessita integrar a realidade deste mundo com o projeto de Deus sobre a humanidade e o mundo. Para isso, urge observar como o Bom Pastor, Jesus Cristo, agiu com o rebanho no seu tempo.

CAPÍTULO II

A MISSÃO DO BOM PASTOR

O objetivo principal neste capítulo foi apresentar Jesus como bom pastor, missionário e enviado pelo Pai para que todos tenham vida plena.

Em vista de alcançar o objetivo, o capítulo sobre a missão do bom pastor foi estruturado com dois itens: o Bom Pastor é Jesus; a proposta de vida em abundância para todos. O primeiro item se dividiu em dois subitens: a pessoa e a missão de Jesus; reflexão sobre a parábola do Bom Pastor.

Jesus é situado no mundo e tem profunda consciência de quem ele é; por que ele é Verbo Encarnado; e para que ele habitou entre os homens. Jesus é missionário de Deus, é o salvador e redentor da humanidade, é o nosso bom pastor.

Jesus confirma que sua condição é messiânica (cf. Jo 4, 26). Jesus se declara várias vezes: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6,35); “Eu sou o bom pastor (cf. 10,11); “Eu sou a videira verdadeira” (cf. Jo 15,1); “Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!”(cf. Jo 8, 58). Portanto, é o próprio Jesus que se apresenta como o bom pastor.

3.1 O Bom Pastor é Jesus

Certa vez, Jesus foi interrogado por um jovem acerca do bom. Jesus respondeu que aquele que é bom é único. No diálogo com o jovem rico Jesus deixou claro que ser bom é ser perfeito. Para ser perfeito, não basta cumprir os mandamentos; mas, é necessário o desprendimento e a renúncia das riquezas desse mundo por amor a Deus e ao próximo. (cf. Mt 19, 16-22; Lc 10, 25-28). Ser bom é estar ocupado com o bem, com a vida eterna. Jesus sendo Deus esvaziou-se de si mesmo, realizou um processo de *kenosi*, desprendimento total de tudo para realizar a vontade do Pai.

Jesus é o Bom Pastor porque fez a vontade do Pai; porque se entregou pela salvação de todo o gênero humano. Foi pela redenção da humanidade que Jesus morreu na cruz. Por isso, Ele é o Bom Pastor.

No evangelho, logo após a parábola do jovem rico, segue a parábola do bom samaritano. Jesus contou a parábola do samaritano para ensinar aos seus discípulos que quem ama a Deus cuida do próximo (cf. Lc 10, 29-37).

O amor, em sua síntese como amor a Deus e amor ao próximo [...] descobre novas ideias, novos horizontes; faz com que se vejam coisas que são necessárias e que tinham passado inadvertidas à Lei; o amor olha com compaixão e entranhas de amor a quem está caído ao lado do caminho, e não considera que este seja inimigo (GNILKA, 1993, p. 302).

A vida de Jesus foi total dedicação aos necessitados de toda sorte: enfermos, pobres, famintos, pecadores, ignorantes, viúvas, órfãos, crianças, e a todos. Na encarnação do Verbo, o Filho de Deus, teve a missão de trazer, para todo ser humana, a vida plena, a vida em abundância que somente Deus tem para oferecer gratuitamente (cf. Jo 10,10). Jesus tem a missão de cumular de bens os seus discípulos fazendo-os participar da vida do Pai.

Portanto, Jesus é o Bom Pastor porque partilha a sua vida divina com os seus seguidores. Todos os batizados são discípulos de Jesus e participam da vida divina. Ele não é falso, não é mercenário. Mas, Ele é Deus, é perfeito, é bom pastor porque dá a vida por todos, gratuitamente.

Jesus é uma pessoa; é humano e divino. Jesus é o missionário do Pai na unidade do Espírito Santo.

3.1.1 A pessoa e a missão de Jesus

Jesus, o Filho de Deus, fala tudo que ouviu do Pai e ensina tudo que aprendeu do Pai (Jo 5,19). As palavras de Jesus são de vida eterna. A missão de Jesus é levar a palavra de Deus fazendo todos os homens seus discípulos. Foi para isso que ele veio ao mundo, para dar a vida eterna a todos que nele crer e for batizado em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. 'Aquele que ouve e crê dessa forma tem vida eterna e não será condenado' (cf. CARSON, 2007, p. 257).

Do mesmo modo, todo crente que cumpre a missão dada por Jesus Cristo tem nele a vida eterna e está fora da condenação do ultimo dia. A incumbência

missionária de Jesus vai além da palavra, Jesus justifica quem ele é e a finalidade da sua missão por meio de suas obras e milagres. João prefere o termo milagres para testemunhar o amor do Pai e de Filho.

Jesus fez muito prodígios: transformou água em vinho; com doze anos discutiu com os doutores no Templo; curou cegos, surdos, coxos e paralíticos; ressuscitou Lázaro, o filho de uma viúva e a filha de Jairo; dialogou com a Samaritana no poço de Jacó. Jesus fez muitos outros sinais durante sua vida pública, conforme os registros que temos no evangelho.

Por causa dos sinais, os apóstolos reconheceram que Jesus era Deus. “Simão Pedro disse: Tu és o Messias, és o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). A Bíblia apresenta Jesus Cristo como Verbo encarnado no seio de Maria por obra do Espírito Santo. Jesus nasceu em Belém; mas, Ele vive desde sempre, na eternidade, no infinito amor, com o Pai e o Espírito Santo. Jesus é a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Tanto que, enquanto estava entre os homens, na terra, Jesus disse: antes que Abraão fosse eu Sou (cf. Jo 8,58).

Desde o princípio na eternidade o Filho é gerado e não criado pelo Pai e já existia desde antes por todos os séculos antes de todas as coisas. Jesus mesmo disse isso no evangelho (cf. Jo 1, 1-5). Deus falou ao mundo por meio dos profetas, e por último se revelou através do seu próprio Filho Jesus. Quando completou o tempo, o Espírito desceu no seio de Maria, e Cristo se fez homem nascido de mulher, conforme a vontade de Deus (cf. PROVÍNCIA ECLESIASTICA DE ALAGOAS, p. 83-84).

A pessoa de Jesus procede do Pai. Quando chegou a plenitude dos tempos, o Espírito desceu sobre Maria, e nela, por obra do Espírito Santo, o Verbo se fez carne. Portanto, Cristo é o Verbo, a Palavra de Deus. Deus se revelou ao mundo pelo seu Filho unigênito, Verbo, Palavra. «Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei e nos tornar seus filhos adotivos» (Gl 4, 4-5). Esta é a ‘Boa-Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus’: Deus visitou o seu povo e cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência e o fez para além de toda a expectativa: enviou o seu ‘Filho muito-amado’ (cf. CIC, nº 422).

A Igreja transmite, desde sua origem, a fé que professamos a Jesus de Nazaré, judeu nascido duma filha de Israel, em Belém, carpinteiro de profissão, morto crucificado em Jerusalém pela salvação de todos os homens. Jesus ‘saiu de

Deus' (Jo 13, 3), 'desceu do céu' (cf. Jo 3, 13; 6,33) e fez-Se carne e habitou entre nós. Todos nós recebemos gratuitamente a graça (cf. Jo 1,14-16).

Portanto, a fé é um dom de Deus aos homens. Pois, somos movidos pela graça do Espírito Santo e atraídos pelo Pai; nós cremos e confessamos que Jesus é o Cristo, o Salvador Filho de Deus vivo (cf. Mt 16,16). Foi sobre o rochedo da fé, confessada por Pedro, que Cristo edificou a sua Igreja (cf. CIC, nº 424).

A missão que Jesus recebeu do Pai consiste em anunciar o reino de Deus e realizar a salvação da humanidade. Também à Igreja cabe «anunciar a insondável riqueza de cristo» (Ef 3, 8). A transmissão da fé cristã chegou a nós pelo anúncio de Jesus. O coração dos primeiros discípulos ardeu no desejo de anunciar Cristo: «Nós é que não podemos deixar de dizer o que vimos e escutamos» (At 4, 20). Jesus e seus discípulos convidam os homens de todos os tempos a participar da sua comunhão com Cristo:

O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram acerca do Verbo da vida, é o que nós vos anunciamos, pois a vida manifestou-Se e nós vimo-la e dela damos testemunho: nós vos anunciamos a vida eterna que estava junto do Pai e nos foi manifestada. Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão conosco. E a comunhão em que estamos é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo. E escrevemos tudo isto para a nossa alegria ser completa (1Jo 1, 1-4).

Jesus, ao pronunciar sua Palavra, falou dele mesmo: Eu vim para [...] (Jo 10,10), o meu Pai me enviou para [...] (cf. Jo 5, 24.30), Eu vim ao mundo para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37), É para isso que Eu fui enviado [...] (Lc 4,44), aquele que me enviou (Jo 16, 5), e enviou os doze em missão, enviou os setenta e dois discípulos em missão (cf. Lc 9, 2; 10,1-20), e por fim eu vos envio [...] Recebei o Espírito Santo (Jo 20, 21-22). “Assim como tu me enviaste ao mundo, eu os envio ao mundo” (Jo 17, 18). Jesus cumpriu sua missão junto à humanidade, veio ao mundo porque foi enviado pelo Pai e voltou para o Pai. Jesus enviou o Espírito Santo para a luz do mundo. Jesus se fez presente na humanidade por meio da ação do Espírito; Jesus veio cumprir a missão, a promessa: “estarei convosco até o fim do mundo” (Mt 28, 20). Agora cabe aos discípulos continuar no mundo a missão de Jesus.

Ide, portanto e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos. (Mt 28,19-20).

O Pai enviou o Filho ao mundo para que todos fossem salvos por Ele e pudessem participar da glória do Reino dos céus. A missão de Jesus é permanente; pois, a sua promessa é estar com todos até a consumação dos séculos. A missão do Filho de Deus não se identifica com uma simples função profissional; mas, significa totalidade. Jesus é o Bom Pastor da humanidade, não é mercenário.

A expressão ‘o enviado’ identifica a missão de Jesus que é revelar o plano de salvação do Pai a toda criatura, a começar por Jerusalém até os confins da terra. A afirmação de Jesus: Eu conheço o Pai, porque procede dEle e Ele mesmo me enviou (Jo 7,28). Jesus veio ao mundo, enviado por Deus que é amor, em obediência ao Pai. A missão de Jesus é fazer a vontade do Pai e mostrar o caminho da verdade, para que a humanidade pudesse conhecer o Pai e o Filho por meio do Espírito Santo (cf. Jo 7,28-29); (<http://toquecristão.com.br> Jandira Vallesquino). (data da pesquisa: 10/09/2018).

Jesus advertiu os discípulos e o povo que o ouvia: “examinais as Escrituras o que foi dito pelos profetas, vós mesmos julgais ter a vida eterna. São as Escrituras que testificam a mim mesmo” (Jo 5,39-40). Os ouvintes de Jesus eram muito aplicados a analisar as Escrituras e se tornavam surdos para a palavra de Jesus.

Jesus não aceita testemunho humano, a glória humana (cf. Jo 5,34). Jesus possui um testemunho superior e justifica a verdade de sua palavra. Jesus veio ao mundo com a missão de anunciar a boa notícia da Palavra de Deus para todas as criaturas. (cf. CARSON, 2007, p. 265).

Muitos afirmavam serem líderes enviados por Deus; mas, na verdade eram ladrões e salteadores. Jesus, o bom pastor, é leal ao seu rebanho; busca a ovelha perdida; cura as feridas da ovelha machucada; e é capaz de entregar sua vida por suas ovelhas. O falso pastor ocupava-se do rebanho para ganhar dinheiro, era um mercenário. Quando os lobos ameaçavam atacar o rebanho, o pastor mercenário abandonava as ovelhas para salvar sua própria vida. (cf. Jo 10, 12).

“Em verdade vos digo: quem escuta minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte para vida”

(Jo 5,24). A missão de Jesus é salvar a humanidade do pecado e de todo tipo de mal. Jesus morreu na cruz pela redenção do gênero humano. Todo aquele que faz a vontade de Deus e nele crê, Jesus Cristo concede a vida, pois é para isso que veio ao mundo, e quer fazer isso por amor.

Jesus confiou sua missão aos seus discípulos. Eles receberam a missão de estar com Jesus, de segui-lo, e de continuarem anunciando o Reino de Deus, pregando o evangelho. A palavra de Deus deve ser anunciada para todas as criaturas até o fim dos séculos; este é o mandato de Jesus confiado aos seus discípulos e aos cristãos de todos os tempos.

A salvação não vem só pelas obras, mas também pela fé em Cristo, Aquele que veio para ser luz e dar a vida para todos. A salvação vem pela fé. A prática das boas obras não é suficiente para se salvar. No juízo final, os que fizeram o bem são aqueles que vieram para a luz – Cristo para que sejam plenamente vistos que o que eles fizeram, eles o fizeram em Deus. Enquanto, os que fizeram o mal amaram as trevas, e não a luz, porque suas obras eram más. (Cf. CARSON, 2015, p. 259).

A forma como Jesus exercia sua missão era através de seus, gestos, atitudes, por meio da sua pregação e realização dos milagres, libertando o homem de todo tipo de mal.

Jesus, o Bom Pastor, pregava por onde passava, ensinava com autoridade e falava em parábolas. Sua palavra é verdadeira, as afirmações de Jesus são do tipo eu sou a Luz do mundo, eu sou o caminho. Quem segue o ensinamento de Jesus tem a luz ele é o caminho que conduz ao Pai. Ninguém vai ao Pai a não ser por meio de Jesus Cristo. Jesus testifica quem ele é, o que veio fazer e a quem ele veio, por meio de sua palavra dá testemunho que é o filho de Deus feito homem, prega a boa nova e propõe a salvação a toda criatura que nele crer (cf. Jo 14,6-7).

Jesus ensinava a todos e fazia milagres por onde andava; pregava a palavra de forma que todos podiam compreender. Ele ensinava no templo, nas sinagogas, no monte, na beira do mar em todo lugar por onde passava, curando os doentes, expulsando os demônios, alimentando os famintos e recuperando a vista aos cegos (cf. Lc 7,18-23). Jesus sabia ensinar a todos, conhecia cada um; sabia o que estava dentro do coração de cada um deles. Jesus falava com autoridade as palavras certas para cada pessoa que vinha ao encontro dele.

Os discípulos foram instruídos por Jesus na doutrina da fé cristã. (PROVÍNCIA ECLESIASTICA DE ALAGOAS, 1985, p. 93). Como sempre, Jesus

ensinava os discípulos e ao povo através de parábolas. Por exemplo, a parábola do bom pastor.

3.1.2 Reflexão sobre a parábola do Bom Pastor

No Evangelho de João, Jesus contou a parábola do Bom Pastor aos discípulos (cf. Jo 10, 1-18). Nela Jesus se apresenta como o Bom Pastor, aquele que vai atrás da ovelha perdida, que cura as feridas das ovelhas machucadas e que dá a própria vida para salvar as suas ovelhas.

A parábola do Bom Pastor é narrada somente no quarto evangelho. Para narrar a parábola do Bom Pastor, João utiliza-se de metáforas baseadas na atividade de criação de ovelhas, que era um tema bem familiar e de fácil entendimento para o povo palestino do século I.

¹Em verdade, em verdade, vos digo: quem não entra pela porta do redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante;²o que entra pela porta é o pastor das ovelhas.³A este o porteiro abre: as ovelhas ouvem sua voz e ele chama suas ovelhas uma por uma e as conduz para fora.⁴Tendo feito sair todas as que são suas, caminha à frente delas e as ovelhas o seguem, pois conhecem a sua voz.⁵Elas não seguirão um estranho, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.⁶Jesus lhes apresentou essa parábola. E sua voz. Eles, porém, não entenderam o sentido do que lhes dizia. ⁷Disse-lhes novamente Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: “Eu sou a porta das ovelhas.” ⁸Todos os que vieram antes de mim São ladrões e assaltantes; Mas as ovelhas não os ouviram. ⁹Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo: entrará e sairá e encontrará pastagem. ¹⁰O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. ¹¹Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. ¹²O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatou e dispersa, ¹³porque ele é mercenário e não se importa com as ovelhas. ¹⁴Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, ¹⁵como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas. ¹⁶Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor. ¹⁷Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. ¹⁸Ninguém a tira de mim; mas, eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder de retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai. (João, 10, 1-18).

Através desta parábola pronunciada pelos lábios de Jesus, os discípulos tomaram conhecimento da bondade de Deus e do interesse que Jesus demonstra ter pelo povo e pelos discípulos.

“Eu sou um modelo de pastor; conheço as minhas e as minhas me conhecem a mim, como o Pai me conhece a mim e eu conheço o Pai; por isso, eu mesmo me entrego pelas ovelhas” (MATEOS; BARRETO, 1989, p. 442). A forma de Jesus se relacionar com os seus era um conhecimento pessoal de cada um; Jesus chamava cada um pelo nome. Também com a comunidade Jesus tinha um relacionamento pessoal, íntimo e profundo (cf. Jo 1, 16; 10,4).

A parábola assegura que Jesus tem a capacidade de entregar a vida pelos seus amados. O principal objetivo do bom pastor é promover e proteger a vida de suas ovelhas. Jesus é o rosto de Deus que é pura misericórdia. Jesus é a porta da vida; ou seja, ele é o acesso à vida plena que só Deus pode nos dar, gratuitamente.

A preocupação de Jesus é salvar o rebanho inteiro. Por isso, ele procura conduzir aquelas ovelhas que ainda não pertencem ao redil. A conclusão é que a iniciativa é de Jesus que se propõe ir às ovelhas desgarradas para incluí-las no redil. Quando aquelas ovelhas ouvirem a voz do bom pastor haverá um só rebanho e um só pastor; a vida será em plenitude. De fato, nos dias atuais, todos poderão ouvir a palavra do bom pastor se os cristãos se tornarem bons pastores em continuidade da missão de Jesus.

3.2 A proposta de vida em abundância para todos

Deus criou o ser humano com potencialidades e o enriqueceu com muitos dons. A criatura humana recebeu do seu Criador a capacidade intelectual, de afeto, e de inter-relações com os seus semelhantes.

Deus sempre se manifestou ao homem com uma proposta de vida eterna. Mesmo depois da queda dos nossos primeiros pais, a promessa de Deus é de redenção, esperança e salvação. Deus cuida continuamente do gênero humano, para dar a vida eterna a todos que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (cf. Rm 2, 6-7; CIC, nº 54).

Apesar do pecado, Deus oferece ao ser humano uma nova possibilidade de vida nova no batismo (cf. Rm 6, 4). Incorporados a Cristo pelo batismo, os cristãos

morrem para o pecado, vivem para Deus, em Cristo Jesus e participam da vida do Ressuscitado (cf. CIC, nº 628).

Para ter a vida plena, é necessário que os cristãos tenham os mesmos sentimentos de Cristo Jesus; sejam imitadores de Deus, como filhos muito amados; caminhem no amor; conformem seus pensamentos, palavras e ações ao exemplo do divino mestre. (cf. CIC, nº 1694).

A dignidade da pessoa humana vem da sua semelhança com Deus. As pessoas vão se humanizando, se edificando, crescendo interiormente e se tornando santas na medida em que buscam a santidade de Deus. Apesar do pecado, o homem vai se convertendo na medida em que se evangeliza e se propõe a buscar a vida nova em Cristo.

O mundo sempre passa por mudanças sociais, culturais, econômicas, religiosas, políticas. Enquanto está no mundo terreno, a criatura humana pode cair em pecado; por isso, enfrenta sofrimento, amargura, tristeza, medo, enfermidade, insegurança, morte, tristeza, desavença, crimes, injustiça, desconfiança.

Mas, Deus nunca abandonou as criaturas humanas. Ele enviou o seu Filho primogênito para libertar o ser humano de todo tipo de problema. Deus tem um amor gratuito e incondicional às suas criaturas. O projeto de Deus não é um projeto de morte; mas, é um projeto de vida em plenitude para todos os seres humanos, em todos os tempos e em todos os lugares. O sentido da vida para todos os humanos em no seu Criador que é o Deus de Jesus Cristo.

Deus confiou a Jesus Cristo, o seu projeto de vida em plenitude para a humanidade. Jesus fundou a Igreja e deu a ela a missão de dar continuidade à realização do projeto de Deus. A vida em plenitude começa neste mundo terreno; mas, só é alcançada, em definitivo na parusia, na ressurreição que acontecerá na segunda vinda de Cristo.

CAPITULO III

A MISSÃO DA IGREJA NO MUNDO

Neste último capítulo, o objetivo consistiu em fazer uma reflexão sobre a missão que a Igreja recebeu da sua cabeça que é Cristo.

Para atingir este objetivo, estruturou-se o capítulo em dois itens: a Igreja continuadora da obra de Jesus Cristo; perspectivas da ação pastoral nos dias de hoje. Sendo que o primeiro item se subdividiu em dois subitens: a ação pastoral da Igreja na perspectiva do Concílio Vaticano II; a pastoral da Igreja nas orientações do Papa João Paulo II.

Diante do sofrimento, do pecado e da morte, a Igreja tem um papel que só ela pode desempenhar: continuar, através da sua ação pastoral, a obra da salvação que o Bom Pastor veio trazer para a humanidade.

4.1 A Igreja continuadora da obra de Jesus Cristo

A Missão da Igreja precisa ser uma realidade verdadeira e atuante na vida eclesial. Deixar que a ação do Espírito Santo nos incorporasse a Cristo, responder o chamado de Jesus Cristo e participar ativamente da sua missão.

Missão esta que é de todo cristão em anunciar a Palavra de Deus a toda criatura. “assim como o Pai Me enviou, também eu vos envio a vos” (Jo 20,21), de forma a anunciar a Palavra com a vida em todo momento e lugar.

Do mesmo modo a sua Palavra que nos impulsiona para todos os irmãos e irmãs ao nosso redor. E esta mesma palavra que nos purifica para a graça, ilumina nosso caminho e nos leva a conversão.

Jesus convida seus seguidores a estarem abertos e acolherem a bondade de Deus. Jesus convida todos a ver Deus em todas as coisas, em todos os acontecimentos; mesmo lá onde a maioria só vê a ausência de Deus. Ver a beleza das criaturas e constatar a bondade presente em todas elas leva o homem a crer em Deus e fazer a experiência da sua presença salvadora, consoladora. (Cf. Bento XVI, 2007, p. 20).

A missão de Jesus é anunciar a Palavra de Deus e manifestar o amor do Pai para com seus filhos. Ele na sua bondade e plenitude de amor quer que todos nós sejamos vossos filhos. Do mesmo modo somos convidados a tomar conhecimento do amor que vivifica o homem. Este é o mesmo amor ofertado por Deus em Jesus Cristo que morreu e ressuscitou para que a humanidade tenha a vida eterna. (cf. DocAp, 2007, nº 348).

Da mesma forma que Jesus veio para servir, os cristãos devem servir a todos (cf. Jo 13, 14). Nisto consiste a missão da Igreja: servir os filhos de Deus; servir aos que ainda não conhecem Deus; servir também os que ainda não receberam a evangelização, nem foram batizados, ainda não fizeram adesão a Jesus Cristo.

O serviço eclesial tem por modelo a forma de Jesus cuidar do seu rebanho. Sendo assim, os pastores da Igreja nos dias de hoje esforçam-se e buscam uma maior aproximação com o povo, com a comunidade. Cada vez mais, nos últimos cinqüentas anos após o Concílio Vaticano II, os encontros se multiplicam entre fiéis e pastores, líderes das comunidades cristãs e povo, entre todos, nas paróquias, nas Igrejas Particulares, nos grupos pastorais, nas famílias e nas instituições em geral. A Igreja alargou sua presença pastoral para além dos templos. Advertidos pelo Magistério, os cristãos estão buscando uma espiritualidade de comunhão (cf. NMI, nº 43); um maior empenho ecumênico (cf. NMI, nº 48).

Seguindo o exemplo de Jesus, a Igreja tem se colocado ao serviço dos irmãos passando por momentos de sofrimento, angústia, dor, injustiça. Como no tempo de Jesus, também hoje muitas pessoas ainda permanecem na ignorância, na pobreza, sem paz. Deus sempre ouve o grito dos povos pedindo socorro, misericórdia, e libertação. O projeto de Deus é um projeto de libertação do seu povo. A Igreja se esforça para continuar realizando o projeto salvífico de Jesus Cristo.

Para isso, a Igreja tem buscado novos rumos para a evangelização. A Igreja coloca-se diuturnamente no caminho do discipulado seguindo a pessoa humana e divina de Jesus Cristo para aprender, cada vez mais, tornar-se dom de Deus para a humanidade. A Igreja é chamada “viver e comunicar a vida em Cristo [...]” (DocAp, nº 347), no mundo. A Igreja propõe novos métodos para anunciar à humanidade o verdadeiro Cristo, o Filho de Deus feito homem. Jesus Cristo é a Palavra que convida a todos para fazer comunhão com Deus, para participar da sua própria vida divina e também viver em comunhão com os irmãos.

O Concílio Vaticano II trouxe um novo entusiasmo para a Igreja realizar a ação pastoral em continuidade ao trabalho do bom Pastor Jesus Cristo.

4.1.1 A ação pastoral da Igreja na perspectiva do Concílio Vaticano II

A Igreja tornou-se mais participativa depois do Concilio Vaticano II. Muitas das ações pastorais que antes só podiam ser realizadas pelo clero, com as orientações do Concílio, encerrado em 1965, puderam ser realizadas também por homens e mulheres do laicato cristão.

Uma maior participação dos leigos nas atividades eclesiais pode ser considerada de grande importância. Passou ser confiada aos leigos, em conjunto com os sacerdotes, a preparação para os sacramentos do Batismo, do Matrimônio, da Crisma, da Eucaristia, da Reconciliação. Também na Liturgia, homens e mulheres ganharam mais espaço de participação tanto na preparação como nas celebrações. Os fiéis começaram proclamar a Palavra de Deus e fazer as preces na Missa, por exemplo.

Em todas as pastorais, desde a década de 60, os fiéis assumiram o serviço da evangelização para crianças, adolescentes, jovens e adultos. Muitos fiéis foram chamados a assumir o serviço pastoral como Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística. Nesta função, os ministros se dedicaram a visitar os enfermos nas residências, nos hospitais e nas casas de repouso. Além da Eucaristia, os ministros levavam o anúncio do evangelho aos enfermos e idosos.

Por outro lado, a participação dos leigos nas ações pastorais exigiu da Igreja mais formação bíblica, pastoral, religiosa para os leigos. Assim, clero e comunidade ficaram mais próximos entre si devido ao trabalho pastoral em comunhão com o Magistério Eclesiástico. O leigo começou ler mais a Sagrada Escritura, fazer estudo bíblico em pequenos grupos, resultando um laicato mais esclarecido em teologia.

Para as famílias enlutadas, a Igreja chamou e enviou os leigos, em comunhão com o clero, a celebrar as Exéquias como ação da pastoral da esperança e o ministério da consolação. As famílias enlutadas foram mais assistidas e amparadas pela fé em momentos de saudade, tristeza.

No Brasil, depois do Concílio Vaticano II, a Igreja passou por uma renovação pastoral muito grande. A renovação inspirou a presença renovada da Igreja na

sociedade. As Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín, Puebla e Santo Domingo e Aparecida também contribuíram bastante para uma Igreja com um novo rosto no meio da sociedade.

Depois do Concílio Vaticano II, a Igreja teve várias iniciativas que melhoraram as suas ações pastorais: a reforma litúrgica; a valorização das formas de piedade mais articuladas com a liturgia e a piedade popular; a difusão da Bíblia e a multiplicação dos círculos bíblicos, sementes da multiplicação das comunidades eclesiais de base; a criação de novos ministérios e a multiplicação dos agentes pastorais, especialmente na área catequética e social; a dinamização da pastoral vocacional; a articulação da pastoral de conjunto e o planejamento pastoral; a defesa dos direitos humanos ainda que com grande sacrifício e riscos da vida; a promoção de muitos organismos de participação e corresponsabilidade; a solidariedade entre Igrejas-Irmãs; os novos empreendimentos missionários; o ensinamento episcopal com pronunciamentos oportunos sobre os grandes temas nacionais. Índios, negros, posseiros, pescadores, menores abandonados, mulheres marginalizadas, famílias incompletas e outras categorias, grupos e ambientes que antes do Concílio eram pouco assistidos, foram beneficiados com a extensão das ações pastorais pós-conciliares. (Cf. NASCIMENTO, 2005, p. 140).

Com a renovação trazida pelo Concílio, e para prevenir do risco de fragmentação e dispersão, tornou-se necessária mais articulação e comunicação das ações pastorais e da vida eclesial entre fiéis, clero e comunidade eclesial. A ação pastoral passou a ser planejada coletivamente, contando com a contribuição e a responsabilidade de todos, principalmente dos leigos.

A Nova Evangelização contemplando a dimensão social passou a ser característica das ações pastorais. Além disso, a Igreja passou defender a liberdade crítica diante dos sistemas vigentes, buscando na pessoa de Cristo a raiz teológica da sua razão social. Desta forma, a Igreja demonstrou maior dedicação em formar os fiéis na área da conjuntura social e política brasileira.

Após o Concílio Vaticano II, o projeto de Igreja propôs criar uma sociedade mais humanizada impregnada dos valores cristãos, ainda que não aceitos como tais. Em todas as ações pastorais houve um esforço de formar a sociedade para aderir aos valores do evangelho e para a recusa dos contra-valores propostos pela modernidade e pelo capitalismo. (Cf. LIBÂNIO, 2002, p. 178).

A Igreja pós-conciliar conservou as tradições; porém, acentuou-se cada vez mais na liberdade presente na figura de Jesus. As pastorais passaram educar os fiéis para uma nova visão de Deus, uma nova visão de mundo. A comunidade dos fiéis passou viver mais a confiança que o medo de Deus (cf. LIBÂNIO, 2003, p. 220).

Um dado novo foi a participação dos leigos nos cursos acadêmicos de Teologia. Em consequência da presença ampliada da Igreja nos meios populares, nas regiões distantes dos grandes centros urbanos e geográficos, aumentou a ordenação de diáconos.

Os Pontífices continuaram dando orientações pastorais aos bispos, sacerdotes, às famílias religiosas e a todos os homens de boa vontade. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sempre se dedicaram suas orientações aos fiéis católicos e ao povo brasileiro. O Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) também contribuiu para que a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II se efetivasse nas ações pastorais, em nosso país.

Entre os Papas da Igreja depois do Concílio, foram escolhidas as orientações pastorais do Papa João Paulo II para enriquecer esta monografia.

4.1.2 A pastoral da Igreja nas orientações do Papa João Paulo II

Desde as primeiras comunidades cristãs os apóstolos faziam advertências e orientações para que a Igreja permanecesse fiel ao mandato missionário que recebeu de Jesus.

As orientações dos apóstolos abrangiam o modo de se comportar, de comer, de celebrar, de conviver, de agir, de se relacionar com Deus e com o próximo. O apóstolo Paulo, por exemplo, deu muitas orientações e fez várias advertências às comunidades: as divisões na Igreja (cf. 1Cor 1, 10-17); o papel dos pregadores do evangelho (cf. 1Cor 3); “Exorto-vos, pois: sede meus imitadores.

É por isso mesmo que vos enviei Timóteo, meu filho querido e fiel no Senhor; ele vos lembrará meus princípios de vida em Cristo” [...] (1Cor 4,16-17); sobre a imoralidade (cf. 1Cor 5); tudo é permitido; mas, nem tudo convém ao cristão (cf. 1Cor 6); como comer o corpo de Cristo, a refeição do Senhor (cf. 1Cor 11, 17-34).

Além de Paulo, todos os apóstolos foram orientadores da comunidade eclesial.

Na continuidade dos apóstolos, o Magistério sempre se dedicou a escrever e proferir orientações sobre a ação pastoral da Igreja. São muitos os documentos pontifícios, nos quais, podem ser encontradas as orientações sobre todos os assuntos de interesse dos cristãos e da sociedade, em geral.

Entre os pontífices foi destacado o Papa João Paulo II para este estudo. E entre as suas inúmeras orientações pastorais, foram destacadas, apenas algumas.

Na sua ação pastoral, a Igreja deve partir de Cristo que permanece conosco até o fim do mundo. É preciso fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão. A Igreja deve contribuir com a conscientização da sociedade para manter o equilíbrio ecológico no planeta; para respeitar e garantir os direitos humanos fundamentais; orientar, oportuna e inoportunamente, a todos os que lançam mãos das novas potencialidades da ciência para não descurar das exigências éticas; exercitar no diálogo inter-religioso (cf. JOÃO PAULO II, 2003, NMI, nº 29; 43; 51; 55).

As orientações foram inúmeras, nos pronunciamentos do Papa João Paulo II, quando visitou o Brasil, em Julho de 1990. O Pontífice se dirigiu aos jovens, aos sacerdotes, aos leigos, aos religiosos, às crianças, à família, aos catequistas, etc.

A Igreja é vocacionada ao cuidado permanente com o ministério da evangelização, a doutrina social cristã e a opção preferencial pelos pobres (cf. JOÃO PAULO II, 2003, SrS, nº 41; 42). Durante o seu pontificado, João Paulo II valorizou muito a unidade entre os cristãos e dos cristãos com os não cristãos. Inclusive em janeiro de 2002, ele se reuniu com várias denominações religiosas e convidou os líderes religiosos à prática do perdão mútuo e à vivência da comunhão fraterna. O Papa João Paulo II convidou a Igreja a seguir em frente, fazendo o bem como Jesus fez o bem sem nunca se cansar. (cf. JOÃO PAULO II, 2003, NMI, nº 58).

Muitos outros ensinamentos valiosos para a ação pastoral da Igreja nos dias de hoje podem ser encontrados nos pronunciamentos e escritos do João Paulo II.

4.2 Perspectivas da ação pastoral nos dias de hoje

A América Latina recorre na Escritura Sagrada e busca no evangelho o caminho para dar mais vida a sua Igreja. Encontra no evangelho de João o caminho do Bom Pastor a esperança de dias melhores para o povo sofredor, que tanto anseia o encontro com Cristo e com os irmãos. A Conferência Episcopal da América Latina

e do Caribe (CELAM), realizada em Santo Domingo lembra que “a exemplo do Bom Pastor, deveis apascentar o rebanho que foi confiado e defendê-lo dos lobos vorazes”. (SD, 1992, nº 12).

Retomando o texto a Conferencia aponta que o caminho para o bem de todos os povos latinos e caribenhos precisa seguir os passos do Bom Pastor Jesus Cristo. O Pastor que entregou sua vida para o resgate da vida de toda a humanidade.

O documento de Santo Domingo utiliza do dito de Jesus: “guardai-vos dos falsos profetas que vêm a vós vestidos de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes” (Mt 7,15), são seitas com falsas promessas que atraem os mais vulneráveis que procuram encontrar sentido na vida religiosa. Diante das realidades, muitas vezes, não encontram o verdadeiro caminho de Cristo (cf. SD, nº 141).

Diante do fenômeno das seitas, muitos cristãos se sentem abalados na fé porque não receberam uma eficiente evangelização e educação da fé. Muitos indivíduos foram batizados sem uma satisfatória formação cristã.

Ao preocupante fenômeno das seitas, deve-se responder com uma ação pastoral que ponha no centro de toda a pessoa a sua dimensão comunitária e o seu anseio de uma relação pessoal com Deus. É um fato que ali onde a presença da Igreja é dinâmica, como no caso das paróquias em que se promove uma assídua formação na Palavra de Deus, onde existe uma liturgia ativa e participada, uma sólida piedade mariana, uma efetiva solidariedade no campo social, uma marcada solicitude pastoral pela família, pelos jovens e pelos doentes, as seitas ou os movimentos para-religiosos não conseguem se instalar ou progredir. (SD, 1992, nº 12)

É através da nova evangelização e da catequese que os cristãos conhecem e aderem de verdade a Jesus Cristo. “O Bom Pastor conhece suas ovelhas e por elas é conhecido (cf. Jo 10,14)”. Todos os cristãos servos de Deus e da comunhão desejam proteger a todos aqueles que pertencem às comunidades onde vivem.

Aqueles que foram evangelizados e batizados fazem uma entrega generosa e amorosa de si mesmos para cuidar do rebanho de Cristo. De modo que, a Igreja na mais perfeita humildade considera que sua cabeça é Cristo e todos os seus filhos enxertados em Cristo pelo batismo, seus membros. Portanto, o Bom Pastor é a cabeça da Igreja da qual todos os batizados fazem parte dela por meio da comunhão com Cristo e da fraternidade entre os irmãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa mostrou que a teologia é um estudo, um discurso, um saber sobre Deus. Mas, ao final desta monografia concluímos que Deus é muito mais que isso; Deus é um mistério revelado pelo seu Filho Jesus Cristo.

Os objetivos do trabalho foram atingidos. A metodologia utilizada contribuiu no desenvolvimento e nos resultados do estudo. A hipótese foi confirmada nos resultados da pesquisa porque o estudo mostrou que somente quem se coloca no seguimento de Jesus e se converte a Deus pode ser Bom Pastor. Os que não seguem Jesus e não se convertem a Deus são apenas mercenários, ladrões, assaltantes, maus pastores. Em todo o estudo ficou assegurado que, de fato, a bondade do Bom Pastor faz parte do seu plano de salvação. O cuidado amoroso de Jesus com a salvação da humanidade ficou explícito, concreto e real.

Outra conclusão é que o estudo mostrou que o missionário verdadeiro é Jesus Cristo. Os demais missionários são seguidores dele. Jesus é o Missionário, o Pastor do rebanho, por excelência.

Concluímos que toda pessoa batizada tem o compromisso de assemelhar-se a Cristo – crucificar-se -, fazer a vontade do Pai e continuar a evangelização através do anúncio da Palavra de Deus a todas as criaturas até os confins da terra. Com esta monografia nos tornamos mais conscientes das consequências do batismo que recebemos para continuarmos a missão pastoral de Jesus Cristo na Igreja.

Por fim, concluímos que esta monografia pode iluminar e alargar o conhecimento das pastorais na busca da verdade e contribuir para o encontro dos evangelizadores com Cristo que é a salvação de todos. O conhecimento adquirido com esta pesquisa aumentou a nossa responsabilidade de nos esforçarmos por sermos bons pastores no serviço e na evangelização do povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1 ed. 11 Impressão. São Paulo: Paulus, 2016.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

CALLEJA, J. I. **Moral social samaritana I**: fundamentos e noções de ética econômica cristã. São Paulo: Paulinas, 2006.

CARSON, D. A. **O comentário de São João**. Trad. de Daniel de Oliveira e Viviam do Amaral Nunes. 1 ed. 2007. São Paulo: SHEDD, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. Trad. da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília: CNBB, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Puebla. III Conferência Latino-americana de Puebla, Publicações CNBB. 7 ed. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. Documento de Santo Domingo. IV Conferência Latino-americana de Santo Domingo, 1992.

_____. Documento de Aparecida. V Conferência Latino-americana de Aparecida, 2007.

CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. **Lumen Gentium**. Constituição Dogmática sobre a Igreja. 23 ed. 5 impressão. São Paulo: Paulinas, 2016.

GNILKA, J. Jesús de Nazaret. Mensaje e história. Barcelona: Helder, 1993.

RUSCONI C. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. Trad. de Irineu Rabuske. 1 ed. 6 reimpressão. São Paulo: Paulus, 2015.

JOÃO PAULO II. Novo Millennio Ineunte. Carta apostólica, nº 180. 12 ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOSEPH Card. RATZINGER. **Instrução sobre a Vocação do Teólogo**. Nº 122. 5 ed. 2007. Roma: Congregação para a Doutrina da Fé; Paulinas, 1990.

LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. **Introdução à teologia**: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 2003.

_____, **Olhando para o futuro**: Perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina. São Paulo: Loyola, 2003.

_____, **Igreja contemporânea**: encontro com a modernidade. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MARGUERAT, D. (Org.) **Novo Testamento**: historia, escritura e teologia. Trad. Margarida Oliva. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

NASCIMENTO, S. F. **A religião do Brasil após o Vaticano II**: uma concepção democrática da religião. Barbacena: UNIPAC, 2005.

PAPA BENTO XVI. **Palavras do Papa Bento XVI**. Discurso aos Bispos na Catedral da Sé em 11/05/2017. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAPA JOÃO PAULO II. **Novo Millennio Ineunte**. Carta Apostólica. 12 ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. **Sollicitudo Rei Socialis**. Carta Apostólica. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

PLATÃO. **A República**. Trad. do texto grego de J. Burnet. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

PROVÍNCIA ECLESIAÍSTICA DE ALAGOAS. **O caminho**: síntese da doutrina cristã para adultos. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1985.

SHEEN, F. J. **Vida de Cristo**. Trad. de M. Gonçalves da Costa. Porto: Educação Nacional, 1959.

SZENTMÁRTONI, Mihály. **Introdução à Teologia Pastoral**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

VALLESQUINO, J. <http://toquecristão.com.br>. (data da pesquisa: 10/09/2018).